



REVISTA
GATILHO

Ano III :: Volume 5 :: julho 2007

**Loucura e Literatura:
O Discurso Poético de Stela do Patrocínio**

Marcos Roberto Teixeira de Andrade¹

RESUMO: O presente trabalho tem por finalidade analisar algumas questões fundamentais presentes na *Poética da Loucura*, tais como: a relação entre a razão e a loucura, a loucura e a alteridade, a loucura e o leitor. Para tanto, e guiando-me pelas reflexões propostas por alguns teóricos como Foucault e Freud, valho-me dos textos poéticos de Stela do Patrocínio, que, quer me parecer, são bastante propícios para a análise das presentes questões.

Palavras-chave: Literatura; Loucura; Razão; Leitor; Alteridade.

I. RAZÃO X LOUCURA, RAZÃO E LOUCURA:

“A verdade da loucura é ser interior à razão”.
(Michel Foucault – *A História da Loucura*)

Um dos grandes combates da loucura, sem dúvida, é travado contra a razão. Aliás, podemos mesmo afirmar, com Foucault, que a loucura só existe, só ganha um *ser*, enquanto par opositivo da razão – e vice-versa (1995: 33). Na verdade, “loucura e razão entram numa relação eternamente reversível que faz com que toda loucura tenha sua razão que a julga e controla, e toda razão sua loucura na qual ela encontra sua verdade irrisória” (1995: 30). De fato, num certo momento, Loucura e Razão parecem se confundir – ou, antes, parecem concorrer, juntas, para a manifestação de algo que lhes seja essencial. Assim, considerando-se essa questão sob esse ponto de vista, a relação entre loucura e razão não mais emerge sob o signo do *conflito*, mas, pelo contrário, sob o signo da *harmonia*. Deveras, como já foi dito, toda forma de loucura encerra, em si, determinado

¹ Doutorando em Teoria da Literatura pela UFJF (marcostorga@yahoo.com).

REVISTA

GATILHO

Ano III :: Volume 5 :: julho 2007

racionalismo. Resumindo: Loucura e Razão seriam, não as duas faces de uma mesma moeda (pois isso implicaria em mera oposição), mas formas *metamorfosadas* que constituem uma mesma essência. Citemos, novamente, Foucault:

A loucura torna-se uma das próprias formas da razão. Aquela integra-se nesta, constituindo seja uma de suas forças secretas, seja um dos momentos de sua manifestação, seja uma forma paradoxal na qual pode tomar consciência de si mesma. De todos os modos, a loucura só tem sentido e valor no próprio campo da razão (1995: 33).

Encontramos esse argumento também em Machado de Assis. No seu *O Alienista*, a verdade da loucura emerge de forma paradoxal: pois, o seu personagem principal, Simão Bacamarte, não parece, ele mesmo, incorporar os conflitos e paradoxos da Ciência? De fato, n' *O Alienista*, à sombra da temática da loucura, um tanto quanto obscuramente (numa espécie de *chiaroscuro*), Machado tece, machadianamente, uma aguda crítica ao *cientificismo* que dominava o seu século. Realmente, poucos séculos da história da humanidade comportaram um tão grande repertório de idéias e teorias como o XIX – pelo que ficou conhecido como o *século de idéias*. No embalo do *Iluminismo* setecentista, que buscava abalar a estrutura de toda verdade, ou verdades, (pré)-estabelecida(s), através do racionalismo humano, o *Oitocentos* erguerá a ciência a um posto singular. Parece ser ela, a Ciência, a verdade última das coisas: tudo é passível e possível de ser explicado através dela. Mas, Machado, que possuía uma habilidade singular para abalar estruturas que se pretendiam sólidas, não deixará de desestruturar esse edifício da nova “verdade”.



REVISTA
GATILHO

Ano III :: Volume 5 :: julho 2007

É nesse momento que Simão Bacamarte entra em cena: ele não é um mero alienista: percebo, nele, a figura encarnada do cientista que busca a verdade última e definitiva – mas sem nunca encontrá-la. Ele procura respostas, soluções – porém, quanto mais escava nesse úbere terreno da Ciência, maior número de questões vem à luz: de fato, nele, habitam todas as contradições da Ciência.

Um dos exemplos mais nítidos desse fato, encontra-se, certamente, no capítulo XI do livro: na tentativa de estudar os possíveis casos de patologia mental através dos habitantes de Itaguaí, o Dr. Simão Bacamarte acaba, por fim, encerrando 80% da população na *Casa Verde*. Para tanto, valera-se do pressuposto de que a loucura é um certo estado de desequilíbrio mental – internando, portanto, todos aqueles que julgava apresentar esse desequilíbrio. Contudo, meses depois, inesperadamente, resolve libertar todos, não porque já estivessem restituídos à primitiva sanidade mental, mas, sim, porque “descobrirá” que nunca foram loucos... E a base principal de sua conclusão parece ser o dado estatístico: se a maior parte da população de Itaguaí (80%) apresenta esse desequilíbrio mental, logo, ele conclui que a verdadeira loucura não deve se manifestar no *desequilíbrio*, mas, sim, no perfeito *equilíbrio* da mente. É o que argumenta no parágrafo terceiro do ofício que enviara à Câmara de vereadores de Itaguaí:

Que, desse exame e do **fato estatístico**, resultara para ele a convicção de que a verdadeira doutrina não era aquela, mas a oposta e, portanto, **que se devia admitir como normal e exemplar o desequilíbrio das faculdades e como hipóteses patológicas todos os casos em que aquele equilíbrio fosse ininterrupto** (1994: 40; negritos meus).



REVISTA
GATILHO

Ano III :: Volume 5 :: julho 2007

Reparemos que o que transparece através das fabulosas deduções do Dr. Bacamarte é o mesmo fato que vínhamos discutindo a respeito da relação entre razão e loucura: num primeiro momento, a loucura liga-se a um conceito “padrão”, vigente, de *desequilíbrio* da mente – ou, em outros termos, de *irracionalismo*; num segundo momento, porém, ela aparece relacionada a um conceito de *equilíbrio* mental – isto é, ao *racionalismo*. Na verdade, na confusa mente do alienista, esses conceitos se entrecrocavam para que ele possa chegar a uma nova conclusão: as pessoas equilibradas que ele internara, e que pensava ter curado, não eram, na verdade, equilibradas como pareciam, mas desequilibradas como as anteriores, pois “uma e outra coisa [o equilíbrio e o desequilíbrio] existiam no estado latente [no cérebro], mas [co]existiam” (1994: 47).

Quer dizer: Loucura e Razão andam, sempre, de mãos dadas.

Esse mesmo fato transparece no texto de Stela do Patrocínio: num primeiro contato com sua escrita, o leitor é impactado por uma sensação de *estranhamento*. Nada faz sentido, parece. Uma sintaxe desarmônica, concordâncias verbais e nominais abstrusas, raciocínios paradoxais ou, por vezes, tolos, tudo isso contribui para uma percepção (verdadeira?) de ausência da razão no seu texto. De fato, à primeira vista, o texto de Stela parece-nos ilógico. Afirmações como “Ainda era Rio de Janeiro”, “me adoeceram”, “comecei a existir com quinhentos milhões e quinhentos mil anos”, e similares, agredem nossa sensibilidade semântica. Sentimo-nos como que imersos em uma realidade delirante; e, provocados por essa realidade, *estranhamente familiar*, optamos por um julgamento prévio – que afirma: “esse texto é irracional”.

REVISTA
GATILHO

Ano III :: Volume 5 :: julho 2007

Mas o fato é que seu texto comporta uma lógica própria, lógica que, não fazendo parte do nosso universo lógico, parece-nos ilógica. Deveras, o texto patrocíniano sustenta uma *lógica-ilógica*. Ao mesmo tempo em que ele se afasta da lógica “tradicional”, aproxima-se da sua lógica intrínseca. É se afastando que ele se aproxima; é negando que ele se afirma. Como disse Foucault: “O louco afasta-se da razão, mas pondo em jogo imagens, crenças, raciocínios encontrados, tais quais, no homem de razão” (1995: 186).

Portanto, é nesse *entre-lugar* – espaço de tensão entre a lógica do outro e a lógica própria – que o texto de Stela cria vida. Ele já nasce sob o signo da tensão – tensão que será refletida na mente do leitor. Seu texto incomoda; perturba. E, envolvido nesse conflito, o leitor tentará resguardar sua própria lucidez, decretando o irracionalismo do *Outro*. Porém, vã tentativa: por mais que seja negada, a racionalidade do texto patrocíniano permanece viva – racionalidade percebida, pelo menos, em duas instâncias diferentes, porém, complementares: a instância da linguagem e do raciocínio.

Primeiro, a *instância da linguagem*. Segundo Foucault: “A linguagem última da loucura é a da razão” (1995: 234). E ainda: “A *linguagem é a estrutura primeira e última da loucura*” (1995: 237; grifo do autor). De fato, “a linguagem é a forma constituinte da loucura”; é nela, na linguagem, “que repousam os ciclos nos quais a loucura enuncia sua natureza”. Assim, em Stela do Patrocínio, linguagem e loucura aproximar-se-ão. Contudo, sua linguagem fugirá aos padrões convencionais da nossa lógica, causando-nos, por vezes, um profundo *estranhamento*: mas será essa mesma fuga que afirmará a sua racionalidade. Vejamos o seguinte verso:

REVISTA
GATILHO

Ano III :: Volume 5 :: julho 2007

Ainda era Rio de Janeiro, Botafogo.
(2001: 50)

Um verso tão simples, tão breve – mas profundamente inquietante. “Ainda era Rio de Janeiro”, enuncia ele. Certamente, se em vez do “ainda era”, fosse “Ainda estava em”, “Ainda residia em”, ou, “Ainda existia o’”, nossa consciência sosseitaria, não vendo problema algum. Mas, a presença do verbo *ser*, no imperfeito do indicativo, desestrutura todo o nosso processo de cognição. Estranhemos – e rejeitamos-lo. De imediato, declaramos essa sentença como anormal, irracional, ilógica. Mas, tudo isso, enquanto não descobrimos a polissemia do verbo *ser*: em português, pode significar um certo “modo de existir”, “estar”, “existir”, “ficar”, “pertencer”, “ter a natureza de”, “causar”, “produzir”, “ser formado”, “ser digno”. Assim, considerando-se essas possibilidades, poderíamos ler o presente verso das seguintes maneiras: “Ainda *estava* [no] Rio de Janeiro”, “ainda existia [o] Rio de Janeiro”, “Eu ainda ficava [no] Rio de Janeiro”, “Ainda pertencia [ao] Rio de Janeiro”, ou, até mesmo, “Ainda era digna [do] Rio de Janeiro”. Todas essas formas, quer me parecer, seriam possíveis. Entretanto, a polissemia do *ser* aumenta quando voltamos à língua latina, da qual deriva. De fato, o verbo *esse*, em latim, revestia-se das seguintes significações: “ser”, “existir”, “estar”, “achar-se em”, “morar”, “dar-se”, “acontecer”, “ser para”, “servir de”, “bastar para”, “ir”, “ver”, “chegar”. Então, desconsiderando-se as formas coincidentes com o português, fazemos as seguintes e possíveis leituras: “Ainda achava-me [no] Rio de Janeiro”, “Ainda morava [no] Rio de Janeiro”, “Ainda acontecia



REVISTA
GATILHO

Ano III :: Volume 5 :: julho 2007

[no] Rio de Janeiro”, “Ainda bastava [para] o Rio de Janeiro”, “Ainda ia [ao] Rio de Janeiro”, “Ainda via o Rio de Janeiro”, “Ainda chegava [no] Rio de Janeiro”. Todas essas formas, também, parecem-me possíveis. Contudo, faço ressaltar dois pontos: 1º) *essência*, substantivo feminino do português, que significa “aquilo que constitui a natureza das coisas”, deriva diretamente do verbo *esse* latino; 2º) dentre as várias possibilidades do *esse*, em latim, destaco as suas significações como “achar-se em”, “morar”. É a partir dessas duas considerações que gostaria de concluir esta extensa análise de tão breve verso: o fato é que Stela, ao utilizar-se do verbo *ser* para construir a presente sentença, dá-nos a imaginar que estava tentando encontrar-se a si mesma (a sua *essência*) num determinado período de tempo e espaço. Ela parece conseguir palpar uma certeza: a sua *essência* “achava-se em”, “morava” no Rio de Janeiro, Botafogo. Contudo, o espaço do tempo permanece indefinido – por assim dizer, vazio – como é possível perceber no seguinte verso, do mesmo poema:

Dia tarde noite Janeiro Fevereiro Dezembro.
(*Ibidem*)

O racionalismo de sua linguagem evidenciar-se-á, também, através de jogos de palavras. De fato, analisando mais atentamente os seus versos, por vezes temos a sensação de que Stela do Patrocínio era uma grande maga das palavras – fazendo-nos antever, também aí, uma certa consciência racional. Versos como “Fico pastando no pasto à vontade”, “Fico na malandragem na vagabundagem como marginal/ e como malandra como marginal

REVISTA
GATILHO

Ano III :: Volume 5 :: julho 2007

como malandra/ na malandragem/ na vagabundagem e na vadiagem como marginal”, dentre outros, confirmam essa hipótese. Contudo, analisemos, mais detidamente, os seguintes versos:

Me ensinaram a viver
Me ensinaram a fazer o bem e o mal
Escolher entre o bem e o mal
Estou começando a passar mal.
(2201: 78)

O jogo de palavras realiza-se, evidentemente, entre o substantivo e o advérbio *mal*. Primeiro, ela afirma que lhe ensinaram a “escolher entre o bem e o mal”; em seguida, afirma que está “começando a passar mal”. Há uma nítida oposição entre um aspecto ético e um aspecto clínico. Sendo assim, esse jogo de palavras, que em si já é dualista (pois evidencia a oposição entre o substantivo e o advérbio), faz emergir dois outros dualismos: o primeiro, ao afirmar que lhe ensinaram a “escolher entre o bem e o mal”, opõe a virtude ao vício; o segundo, quando constata que está “começando a passar mal”, opõe sua saúde a alguma doença que a afeta. Tudo isso, através de um único vocábulo – o que reforça esse processo racional, intencional ou não.

Segundo, a *instância do raciocínio*. Foucault, sobre a experiência clássica da loucura, ao tratar da *Transcendência do Delírio*, relata vários casos de loucura em que a lógica do raciocínio do doente mental “parece zombar da lógica dos lógicos” (1995: 233). Como, por exemplo, o homem que imaginava ser de vidro: por pensar assim, evitava aproximar-se de objetos resistentes – por receio de quebrar-se. Num primeiro plano, tal sentimento, de fato,



REVISTA
GATILHO

Ano III :: Volume 5 :: julho 2007

Há uma revelação e uma oposição nítidas entre o segundo e o sexto versos. No segundo, o verbo apresenta-se na voz ativa: "Adoeci". No sexto, entretanto, ele assume a forma passiva: "Me adoeceram". E é este verso que nos causa estranhamento: pois, de fato, no nosso senso comum, não estamos habituados com a idéia de *alguém adoecer alguém*. Pelo contrário, se é possível *sermos adoecidos*, será, provavelmente, por razões de ordem natural – quero dizer: o agente seria, antes, orgânico (vírus, bactérias, etc.) e não humano. Talvez, até mesmo, por fatores de ordem espiritual. Mas o que o texto de Stela está ressaltando, com muita propriedade e lógica própria, é o dado biográfico da autora, que fora internada em um manicômio, vindo a falecer aí; o que Stela grita aos quatro ventos, através do "Me adoeceram", é a sua angústia de ter sido declarada louca. Há neste verso, sim, uma lógica própria e perfeita. Como diria Foucault: "Maravilhosa lógica dos loucos, que parece zombar da dos lógicos" (1995: 233).

Em tudo isso, sem dúvida, ressalta a lógica do texto patrocíniano – ou, como vínhamos dizendo, a sua *lógica-ilógica*. O leitor sente dificuldades para penetrar nesse universo hermético: mas parece ser esse mesmo hermetismo que o seduz. Ainda assim, esse hermetismo, seduzindo-o, não se abre totalmente para a cópula: o que provoca um *estranhamento* no leitor, que não consegue fruir do texto – barthesianamente. Estabelece-se, assim, um jogo tenso de ser jogado – e é nesse jogo que emerge outro caráter fundamental da poética da loucura: a *alteridade*.



REVISTA
GATILHO

Ano III :: Volume 5 :: julho 2007

II. A LOUCURA E A ALTERIDADE (O DUPLO):

Je est un autre.
Rimbaud

Monique Plaza, no seu *A Escrita e a Loucura*, estabelece o conceito de loucura em termos de relação – e relação de tensão. Diz ela o seguinte:

[...] a “loucura” não é um estado mental que afecta uma pessoa [...]; ela é antes uma relação. [...] relação de tensão da qual os protagonistas, seja qual for o lado em que se situem, são partes interveniente e responsável (1990: 14).



REVISTA
GATILHO

Ano III :: Volume 5 :: julho 2007

Importa, agora, pensar a loucura em Stela do Patrocínio em termos de *alteridade*. Porque, de fato, a loucura sempre emerge como uma realidade exterior ao *Eu*. O *Eu* nunca é louco: louco é o *Outro*. A loucura só pode ser reconhecida em *mim* através do olhar do *Outro*: o *Eu* nunca a percebe em si. Assim, é um conflito que se estabelece: o conflito do *Eu x Outro*. E, nesse conflito, o *texto-louco* brota com imenso vigor.

Volto ao texto machadiano: porém, agora, quero valer-me das suas *Memórias Póstumas*. Ali, também, a loucura emerge sob o signo da *alteridade*. Excluindo-se, evidentemente, Brás Cubas, o outro grande personagem desse texto, carregado de profunda complexidade humana, é o filósofo Quincas Borba: sua trajetória humana, demasiado humana, inscrita no livro, ultrapassa o horizonte das nossas misérias e ambições. E é exatamente do relacionamento entre ambos, em um determinado momento, que percebo a loucura sob o signo da *alteridade*. Num dos capítulos finais, Brás Cubas relata-nos um sonho que tivera, no qual era nababo. Contudo, o fator principal não está no sonho em si, mas sim no desejo que sente ao acordar: levanta, no dia seguinte, com a idéia fixa de ser nababo. Confidencia o seu íntimo desejo ao fiel companheiro, Quincas Borba, o qual encara-o benevolmente e afirma, com naturalidade, que o amigo está doido. Brás Cubas sente-se alarmado – mas tenta se defender, argumentando:

A única objeção contra a palavra do Quincas Borba é que não me sentia doido, **mas não tendo geralmente os doidos outro conceito de si mesmos**, tal objeção ficava sem valor (1992: 171; negritos meus).



REVISTA
GATILHO

Ano III :: Volume 5 :: julho 2007

Repare que o argumento de Brás Cubas é exatamente o mesmo que levantamos no início deste tópico: o *Eu* não pode ser louco. Ao ser acusado de loucura, instantaneamente, ele a afasta para longe de si. Malgrado, a consciência de que, para o louco a loucura nunca é loucura – abala sua convicção própria. Mas a tensão não termina aí: preocupado com o estado mental do amigo, Quincas Borba, no dia seguinte, envia-lhe um alienista. Após alguns minutos de conversa com Brás Cubas, o alienista não hesita em diagnosticar sua perfeita sanidade mental. Ao contrário, toma a precaução de alertá-lo para a “semidemência” do filósofo do *Humanitismo*. Outra vez, Brás Cubas fica alarmado: custava-lhe a crer na demência de um espírito tão sublime. Contudo, numa primeira oportunidade, comunica a suspeita do alienista ao amigo: sua reação parece ser de estremecimento e palidez. Todavia, decidido a aperfeiçoar o seu sistema filosófico, pouco depois, Quincas Borba retira-se para as Minas Gerais. Assim que retorna ao Rio de Janeiro, procura por Brás Cubas, o qual conclui – não sem certa desolação:

[...] Quincas Borba partira seis meses antes para Minas Gerais, e levou consigo a melhor das Filosofias. Voltou quatro meses depois, e entrou-me em casa, certa manhã, quase no estado em que eu o vira no passeio público. A diferença é que o olhar era outro. Vinha demente (1992: 175).

Nesse *jogo-de-empurra*, nitidamente, vem à tona a loucura sob a forma da *alteridade*. Aliás, essa parece ser uma das características intrínsecas ao texto que versa sobre a loucura.

REVISTA

GATILHO

Ano III :: Volume 5 :: julho 2007

Voltemos ao poema de Stela do Patrocínio, já analisado, em parte, no tópico anterior – mas sob outro prisma:

[...]
Estou começando a passar mal
Mal do cérebro?
Tô sim, tô começando a passar mal do cérebro
Da cabeça [...].
(2001: 78)

Repare que, nesse texto, Stela parece pressentir a sua demência: “Tô sim, tô começando a passar mal do cérebro/ Da cabeça”, diz ela. Aliás, tal pressentimento parece ser uma convicção. Ela sabe que a loucura está surgindo – e possuindo-a. Mas, ora, se partimos do pressuposto de que o *Eu* nunca é louco, mas louco é sempre o *Outro*, podemos deduzir que esse *Eu* em Stela, que enuncia a própria loucura, que a percebe, é, na verdade, um *Outro*. De fato, em Stela do Patrocínio, “Je est un autre”. Esse *Eu*, que aí aparece, nada mais é do que o portador da mensagem de sua *alteridade*. Como diz Monique Plaza:

[...] o “je”, forma compósita desprovida de unidade, fica reduzido ao papel de porta-voz: aparece como apresentador de uma mensagem de que não possui a chave, como um “duplo” que falasse em nome de outrem (1990: 72).

Assim, seria conveniente trabalhar, em Stela do Patrocínio, com o conceito de *duplo*: de fato, o *duplo* aí está presente – ele emerge no seu texto. Freud, no seu conhecido ensaio intitulado *O “estranho”*, trata esse tema com extrema clarividência. Citando Otto Rank, ele afirma que “originalmente o ‘duplo’ era uma segurança

REVISTA
GATILHO

Ano III :: Volume 5 :: julho 2007

contra a destruição do ego, uma enérgica negação do poder da morte” (1976: 293). Como exemplo primitivo, cita a imortalidade da alma, que pode ser considerada o primeiro duplo do corpo. O tema do *duplo* surge, assim, atrelado a uma necessidade de *sobrevivência*. E essa necessidade de *sobrevivência*, deveras, de imortalidade, brota “do solo do amor próprio ilimitado, do narcisismo primário que domina a mente da criança e do homem primitivo” (1976: 293-94). Contudo, um dos aspectos mais interessantes surge quando supera-se essa etapa do narcisismo primário e o duplo tem seu significado invertido: ao invés de continuar sendo uma garantia de imortalidade, “transforma-se em estranho anunciador da morte” (1976: 294).

Passada essa fase, atingindo-se estágios posteriores do desenvolvimento do *ego*, o *duplo* assume um novo significado – ou função: passa a “observar e criticar o eu (self) e exercer uma censura dentro da mente, e da qual tomamos conhecimento como nossa consciência” (*Ibidem*). Agora, o *Eu* é tratado como um objeto pelo *Outro* – o *duplo*. Assim, é estabelecida a relação de tensão entre o *Eu* e o *Outro*: essa “consciência vigilante” traz à luz, normalmente, verdades incômodas ao *Eu*. E “incômodo” talvez seja um adjetivo suave para qualificar essa nova atividade do *duplo* – identificado, agora, a um “objeto de terror”:

O “duplo” converteu-se num objeto de terror, tal como, após o colapso da religião, os deuses se transformaram em demônios (FREUD, 1976: 295).

Chama-me a atenção, nessa assertiva de Freud, a comparação estabelecida entre a conversão do *duplo* em “objeto de terror” e a

REVISTA
GATILHO

Ano III :: Volume 5 :: julho 2007

transformação, após o “colapso da religião”, dos deuses em demônios. Encontramos, com frequência, nas narrativas neotestamentárias, relatos de possessões demoníacas. E, segundo o *Caldas Aulete*, *possessão* é o fenômeno pelo qual uma “entidade” possui um ser humano, anulando sua personalidade – ou seja, o seu *ego*. E *possessão*, quer me parecer, é um termo adequado para descrever a luta estabelecida no texto patrocíniano entre o *Eu* e o *duplo*: esse *duplo* opera de maneira tirânica, ele parece um invasor – um invasor que anula por completo a vontade do *autor*. Vejamos o seguinte poema de Stela do Patrocínio:

Eu não queria me formar
Não queria nascer
Não queria tomar forma humana
Carne humana e matéria humana
Não queria saber de viver
Não queria saber da vida

Eu não tive querer
Nem vontade para essas coisas
E até hoje eu não tenho querer
Nem vontade pra essas coisas
(2001: 77).

Aqui, Stela parece estar compartilhando de um dos seus raros momentos de lucidez: quando ela afirma que “não queria”, que “não tem vontade”, dá-nos a perceber, por detrás de suas palavras, o *duplo* agindo. Ela tem, sim, um querer próprio: o *não querer*. Ela não queria ser formada; ela não queria nascer; ela não queria tomar forma humana, carne humana, matéria humana – ela não queria saber de viver, não queria saber da vida. Contudo, o seu *não-querer* é obstado pelo *querer* do *duplo* – o *Outro*. Essa batalha, o autor a



REVISTA
GATILHO

Ano III :: Volume 5 :: julho 2007

perde. Aliás, na feroz batalha entre o autor e o seu *duplo*, aquele sempre perde. De fato, ele não sobrevive. Assim, retomo Freud: como vimos há pouco, o *duplo*, ao superar o estágio do narcisismo primário, em que era atrelado a uma necessidade de sobrevivência, cria um outro aspecto, agora, atrelado à idéia de morte. É o que acontece em Stela do Patrocínio: esse *duplo*, com o qual ela se digladiava, não vem apenas anunciar a sua morte iminente, mas ele mesmo a provoca – provoca a morte da autora. E, se a autora morre, quem nasce, naturalmente – é o leitor.

III. LOUCURA E LEITURA: O LEITOR COMO PSICANALISTA:

É sabido que a figura do autor sofre um forte abalo provocado pela crítica do século XX. O texto literário, até então, estava estritamente associado à figura paterna – o seu autor. Valiam, apenas, as intenções autorais, isto é, aquilo que o autor quis dizer. O texto era, assim, considerado como um produto final e acabado de seu “pai”. A grande glória do crítico era enveredar-se pelo labirinto das intenções autorais e encontrar a saída. Contudo, o século XX, que trouxe consigo o espírito da Modernidade (esse espírito insatisfeito que se propunha a romper com todos os paradigmas), trouxe, também, uma nova visão sobre a questão da interpretação textual. A partir de agora, deve-se procurar no texto o que *ele próprio* diz,



REVISTA
GATILHO

Ano III :: Volume 5 :: julho 2007

independente das intenções daquele que o construiu: em outras palavras, o texto já pode falar por si mesmo.

Sem dúvida, um dos grandes expoentes desse pensamento foi Roland Barthes. Sua tese da morte do autor é bastante conhecida: nesse breve (mas profundo) ensaio de 1968, ele começa argumentando que “a escritura é a destruição de toda voz, de toda origem” (1988: 65). Ou seja, no próprio ato da escrita o sujeito autoral se perde. Assim, é através da *morte do autor* que a escrita começa, o texto surge, cria vida. Mas Barthes argumenta, ainda, que “o autor é uma personagem moderna” (1988: 66), fruto de um processo que ter-se-ia iniciado no século XVIII, com a ascensão da burguesia, e atingido o seu ápice na era do positivismo, que passa a conceder “a maior importância à pessoa do autor” (*Ibidem*): iniciava-se, assim, o *Império do Autor*.

Contudo, já no século XIX, alguns escritores começaram a expressar a vontade de abalar esse *Império*. É o caso de Mallarmé: para o poeta francês, quem fala é a língua, não seu autor; escrever deve ser uma atividade através da qual “só a linguagem age, performa, e não eu” (*Ibidem*). Paul Valéry, dando eco à voz de Mallarmé, chamou a atenção para “a condição essencialmente verbal da literatura” (1988: 67). Marcel Proust, por sua vez, propõe que a obra seja o modelo para a vida – e não a vida para a obra. No século XX, o *Surrealismo* também dá sua contribuição para “dessacralizar a figura do autor” (*Ibidem*): apesar de não “atribuir à linguagem um lugar soberano” (*Ibidem*) – uma vez que essa era considerada um sistema e o que se buscava era exatamente a dissociação de todo e qualquer sistema – contudo, jogando com o conceito de “escritura



REVISTA
GATILHO

Ano III :: Volume 5 :: julho 2007

automática” e aceitando, igualmente, o princípio da escritura coletiva, o *Surrealismo* acaba, enfim, dissolvendo a imagem do autor. Da mesma sorte, a Lingüística: ao demonstrar que a enunciação é um processo vazio, que funciona sem a necessidade de interlocutores, acaba comprovando que “o autor nunca é mais do que aquele que escreve, assim como eu outra coisa não é senão aquele que diz eu” (*Ibidem*). Em suma: a linguagem possuiria um *agente* – não um autor.

Então, o que se pode inferir de tudo isso? Infere-se que o *texto moderno* é radicalmente transformado; de agora em diante, o autor está “plenamente ausente”. Em seu lugar, surge o *escritor moderno* – o qual “nasce ao mesmo tempo que seu texto” (1988: 68); e, se ele nasce ao mesmo tempo que seu texto, então, concluímos que não existe outro tempo da enunciação – “e todo texto é escrito eternamente aqui e agora” (*Ibidem*).

Dessa forma, sendo o autor suplantado pelo *escritor moderno*, o texto renasce com novas e diversas possibilidades – portanto, “a pretensão de decifrar um texto se torna totalmente inútil” (1988: 69). Agora, impor um autor a um texto significa limitá-lo; fecha-se-lhe todo o universo semântico. Assim, partindo da idéia de que um texto “é um tecido de citações” (*Ibidem*), uma “escritura múltipla”, Barthes finaliza afirmando que essas escrituras são “oriundas de várias culturas e entram umas com as outras em diálogo, em paródia, em contestação (1988: 70). Portanto, elas são “oriundas de várias culturas”; seu lugar de origem não é o autor. “Mas há um lugar onde essa multiplicidade se reúne” – esse lugar é o leitor: “[...] o

REVISTA
GATILHO

Ano III :: Volume 5 :: julho 2007

leitor é o espaço mesmo onde se inscrevem, sem que nenhuma se perca, todas as citações de que é feita uma escritura" (*Ibidem*).

Então, o sentido do texto, a sua unidade, não está na sua origem, mas no seu destino. O leitor, dessa maneira, passa a assumir um papel importantíssimo nesse novo jogo da escrita; ele assume uma autoridade, até então, impensada; e essa autoridade é tamanha que, ao vir à tona, explode o pedestal sobre o qual se sustentava o demiúrgico *autor-deus*, pois o "nascimento do leitor deve pagar-se com a morte do autor" (*Ibidem*): surge, assim, a figura híbrida do *leitor-autor*.

E é exatamente esse ser híbrido que me interessa para fecharmos (se isso é possível) nossas análises a respeito do texto patrociniano. De fato, o leitor é uma peça importantíssima nesse universo poético de Stela do Patrocínio. Como vimos, se, no embate entre a autora e seu *duplo*, a autora morre, propicia-se o nascimento do leitor: mais exatamente, do *leitor-autor*. Pois, se no processo da escrita, a figura autoral se apaga, cria-se um amplo campo para o leitor penetrar e, conseqüentemente, exercer uma atividade criadora. Deveras, em Stela do Patrocínio, o leitor aparece como um co-criador do seu texto; assim, a disputa entre a autora e o seu *duplo* abre espaço, na verdade, para o nascimento de um terceiro *duplo* – ou, quem sabe, um *triplo*.

E é aqui que, para mim, surge a figura do leitor como um psicanalista. A escrita patrociniana parece ter um destinatário certo, com um objetivo bem específico; uma vez estando ausente, permite-se que o leitor a substitua. E é nesse processo de ausência e substituição que melhor podemos perceber o leitor como um



REVISTA
GATILHO

Ano III :: Volume 5 :: julho 2007

psicanalista: Monique Plaza cita o interessante caso de uma certa Jacqueline de Ségonzac que, para alcançar a lucidez, apega-se ao seu terapeuta como um aliado. Não apenas isso: ela está disposta a ausentar-se para que ele a substitua:

Ele [o terapeuta] confirmou-me que se trata de variações violentas do humor, recorrentes mas reversíveis. Vejo que ele será meu aliado, creio que conhece com precisão as restrições à liberdade que sofro por momentos, e consinto que ele [...] **me substitua na minha ausência** (*apud* PLAZA, 1990: 124; negritos meus).

Dessa forma, Stela, durante o processo da sua escrita, parece estar buscando a cura pelo *Outro* – neste caso, o leitor. Sua morte (a sua ausência), provocada pelo embate com o *duplo*, apenas facilita esse processo. A sua morte, de fato, permite ao *leitor-autopsicanalista* substituí-la para (re)construir o seu texto – texto que representaria, na verdade, a reestruturação de sua sanidade mental. Contudo, se o leitor não consegue (ou não pode) ajudá-la a atingir esse objetivo, pelo menos, ao que parece, permite-lhe nutrir a esperança de um *eterno retorno*:

E sempre que eu morro me ressuscitam
me encarnam me desencarnam me reencarnam.
(2001: 79)



REVISTA
GATILHO

Ano III :: Volume 5 :: julho 2007

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

ASSIS, Machado de. **Memórias Póstumas de Brás Cubas**. São Paulo: Ática, 1992.

_____. **O Alienista**. São Paulo: Ática, 1994.

AULETE, Caldas. **Dicionário Contemporâneo da Língua Portuguesa**. Rio de Janeiro: Delta, 1985 (Vol. V).

AZEVEDO, Fernando de. **Pequeno Dicionário Latino-Português**. São Paulo: Cia. Editora Nacional, 1955.

BARTHES, Roland. A Morte do Autor. In: _____. **O Rumor da Língua**. Trad. Leyla Perrone-Moysés. São Paulo: Brasiliense, 1988 (p. 65-70).

FOUCAULT, Michel. **A História da Loucura na Idade Clássica**. São Paulo: Perspectiva, 1995.

FREUD, Sigmund. O "Estranho". In: _____. **Uma Neurose Infantil: e outros trabalhos**. Edição Standard das obras completas de Freud. Rio de Janeiro: Imago, 1976. V. XVII (p. 273-318).

MOSÉ, Viviane (org.). **Reino dos Bichos e dos Animais é o meu Nome/ Stela do Patrocínio**. Rio de Janeiro: Azougue Editorial, 2001.

PLAZA, Monique. **A Escrita e a Loucura**. Lisboa: Estampa, 1990.

ROTTERDAM, Erasmo de. **Elogio da Loucura**. São Paulo: Martins Fontes, 1997.



TRINGALI, Dante. **A Arte Poética de Horácio**. São Paulo: Musa Editora, 1993.